

“O próprio si-mesmo: um objeto alheio”

Juan Carlos Cosentino, Jorge Dorado, Isabel Goldemberg, Viviana Fanés, Lila Isacovich, María Ester Jozami, Graciela Kahanoff, Marcela Lombán, Norma Misgalov, M. Lucía Silveyra, Emilce Vénere, Territorios, Buenos Aires

Introdução

Na primeira versão manuscrita de *Além...*, redigida em 1919, não encontramos nem a pulsão de morte, nem o masoquismo primário, nem a interpretação freudiana do mito platônico.

Freud os incorpora no início dos anos 1920, quando compõe uma segunda versão datilografada à qual acrescenta, escrito à mão, um novo capítulo VI em que: 1) reivindica o procedimento que denomina especulação e introduz, pela primeira vez, a pulsão de morte; 2) corrige e propõe o masoquismo como primário ainda que vá articulá-lo logo com o retorno ao inanimado em 1924; e 3) como não há resposta na ciência biológica acerca do surgimento da sexualidade e acerca da morte, reformula o mito de Aristófanes e inclui um termo, “*gleichzeitig*”, retirado depois no texto publicado, que destaca a simultaneidade de uma dupla operação na qual se estrutura o aparelho psíquico e se constitui o sujeito.

Pulsão de morte

No entanto, esse pressuposto soa estranho para ele. Recordemos “a inequívoca oposição – como assinalava em 1910 – entre as pulsões que servem à sexualidade, o ganho de prazer, e aquelas outras que têm por meta a autoconservação, as pulsões do eu”.¹

Então, o estatuto das pulsões de autoconservação, que concerne a todo ser vivo, apresenta um singular contraste com a hipótese de que a totalidade da vida pulsional está a serviço do restabelecimento de algo anterior. Esta contradição o leva a reduzir o alcance dessa formulação: “são pulsões parciais, destinadas a assegurar ao organismo seu próprio caminho... de regresso ao inorgânico”.²

O resultado não o satisfaz. Apenas para as primeiras vale exigir o caráter conservador, ou melhor, regressivo da pulsão, que equivaleria a uma compulsão à repetição.³

Vislumbra-se uma dificuldade. Será necessário diferenciar as pulsões do eu que têm por meta a autoconservação e as pulsões do eu que levam à morte.

Será necessário esperar que essas pulsões parciais possam ser cotejadas: a) com a falha do dualismo pulsional, b) com o componente sádico da pulsão sexual e c) com o mito platônico modificado por Freud.

A falha do dualismo pulsional

Em seguida, em um novo passo que nomeia audaz, Freud transfere a teoria da libido para a relação das células entre elas e supõe que as pulsões de vida “em parte neutralizam suas pulsões de morte”⁴ e, desse modo, as conservam com vida. Assim, a libido de nossas pulsões sexuais coincidiria com o Eros dos poetas e filósofos, que mantém unido tudo que é vivo.

A falha do dualismo pulsional se introduz imperceptivelmente. As pulsões de vida neutralizam apenas em parte – nos diz – as pulsões de morte. Mas o que acontecerá com esse outro setor que não é neutralizado e que permanecerá no interior do organismo?

Para a revisão do pressuposto da pulsão de morte, será necessário *O problema econômico do masoquismo*. Um pouco depois, Freud se corrige e propõe o masoquismo como primário, mas só poderá articulá-lo com a hipótese especulativa e o retorno ao inanimado em 1924. Assim, essa brecha, que deixa a impossibilidade de neutralizar “totalmente” as pulsões de morte nesse capítulo, permanece antecipada e adiada.

As estranhas pulsões não libidinais do eu

Freud parte, em 1920, de uma divisão incisiva entre pulsões do eu = pulsões de morte e pulsões sexuais = pulsões de vida. Ele estava disposto a contar as hipotéticas pulsões de autoconservação do eu entre as pulsões de morte, mas quando resgata sua natureza libidinal deve abster-se, retificando-se.

O problema não termina de se resolver: no eu atuam outras pulsões, além das libidinais⁵ de autoconservação, estranhas para Freud.

Mais tarde, a neurose de guerra como neurose traumática se apresenta “sem nexos com um conflito no eu”,⁶ diferentemente das neuroses de transferência que surgem do conflito entre o eu e as pulsões sexuais.

Assim, os sonhos da neurose de guerra questionam a *reação anímica diante do perigo exterior*. E, também, as misteriosas tendências masoquistas do eu.

O que ocorre com a introdução do sadismo e um pouco depois com a do masoquismo?⁷

Trata-se de “pulsões parciais... destinadas a assegurar ao organismo... seu próprio retorno”.⁸ Com a pulsão sádica e depois com o masoquismo como primário, a própria volta contra o eu terá outro alcance.

Antes de 1920 as “pulsões do eu” podem atrair componentes libidinais (suscetíveis de satisfação autoerótica) para si.⁹ Depois, surge a neurose de guerra sem nexos com um conflito no eu. Em seguida, os sonhos traumáticos com as tendências masoquistas do eu. E finalmente, neuróticos, “nos quais a pulsão de autoconservação – pois querem ferir-se e destruir-se a si mesmos – experimentou nem mais nem menos que um trans-torno (*Verkehrung*)”, uma transformação no contrário.¹⁰

Em 1914, Freud distingue um autoerotismo dentro do campo do princípio do prazer ligado pelo desejo (o prazer sexual de ver) e, em 1924, um masoquismo primário que esburaca o autoerotismo.

Com Lacan, “não é nem um pouco autoerótico”. Quando está em jogo a realidade sexual no próprio corpo “é o mais hetero que há”.¹¹

A tarefa da pulsão de vida ou da libido como Eros que tende a reunir, sem consegui-lo, a matéria inanimada, separada em pequenas partículas, ou que tenta sem sucesso tornar inócua a pulsão de destruição, desviando-a para fora; não é a mesma tarefa deste outro setor da pulsão de morte que resiste a este traslado, permanece como resíduo no interior do eu, constituindo o masoquismo erógeno que, justamente, se tornará um componente da libido. Outra vez duas versões da libido? A reformulação do mito, antecipado no colóquio de 2013 em Paris,¹² permitirá diferenciá-las.

Mito

O que acha “na ciência acerca da sexualidade e da morte é tão pouco que o compara com uma obscuridade que não foi atravessada sequer pelo raio de luz de uma hipótese”.¹³ Assim, em um lugar totalmente distinto – o mito que Platão desenvolve em *O Banquete* –, Freud descobre uma hipótese semelhante ao retorno ao inanimado que aponta, também, para a restituição de algo prévio.

Cabe destacar que no manuscrito aparece o termo “*gleichzeitig*”, retirado em seguida do texto publicado, acentuando na composição da frase a simultaneidade da operação:

“devemos por acaso, seguindo a piscadela do filósofo poeta, arriscar a suposição de que a substância vivente, ao ganhar vida, ao mesmo tempo (*gleichzeitig*) foi fragmentada (*zerrissen*) em pequenas partículas que desde então tendem a se reunir mediante as pulsões sexuais?”¹⁴

A reformulação que faz do mito antecipa uma surpresa e deixa em suspenso essa aspiração à reunião.

Quando publicado, em alemão, o manuscrito de umas breves anotações realizadas por Freud em 1938, que leva por título *Conclusões, idéias, problemas*, duas dessas notas foram omitidas. Em um desses comentários, datado de 22 de agosto e suprimido, voltam, como na versão manuscrita do capítulo VI, o mito do andrógino e os termos “*gleichzeitig*”, “*Gleichzeitigkeit*”.

“Para a origem de Eros, possibilidade de que com o surgimento do vivo, ao *mesmo tempo* tivesse sucedido a desintegração (*Zerfall*) em substância m{asculina} e f{eminina}, que, como suspeita Platão, desde então quer unir-se”.¹⁵

Freud nos surpreende, parte de algo previamente “*zerrissen*”. E o verbo “fragmentar” ou “separar” como o substantivo “desintegração”, que emprega em lugar de “dividir” (*teilen*), usado por Platão, o leva a se deter na origem traumática de tal acontecimento, no que irrompe.

Ele volta a nos assombrar em 1926. “Os primeiros estalos – muito intensos – de angústia”, que dizer, “a intensidade hipertrófica da excitação e a brecha aberta na barreira contra-estímulo, constituem as ocasiões imediatas dos recalques primários”. Instauram-se como divisões ante algo da ordem do intolerável que

sobrepuja, por sua intensidade, as defesas simbólicas da barreira do sujeito. Como na reformulação do mito, acontecimento impressionante: lugar de abertura que deixa um resto no núcleo da estrutura psíquica.¹⁶

No mito, ele altera o verbo “dividir” e o substitui pelo verbo “ separar” ou pelo substantivo “desintegração” que servirão para elucidar a estruturação do psiquismo. Assim, refaz o mito e o desloca: da função de perder um estado anterior (o de completude) para um acontecimento em que, ao mesmo tempo, permanece um resto inatingível, não mensurável.¹⁷

Cabe destacar que Freud não utiliza o princípio desse mito, não parte da idéia de “um todo consciente completo” como na versão platônica. Ele parte do pressuposto da matéria inanimada separada em pequenas partículas, que deste momento em diante aspirariam a reunir-se via pulsões sexuais.

Três modos diferentes de reestabelecer um estado anterior. O da unidade perdida de Platão: um todo anterior. O que as pulsões sexuais aspirariam devolver – sem sucesso – falhando ao tentar neutralizar completamente a pulsão de morte. E o que, sustentado na volta ao inanimado, parte da separação: cada vez que a substância vivente ganha vida, simultaneamente, é separada em pequenas partículas.

Enquanto o final da frase deixa em suspenso essa aspiração à reunião,¹⁸ convém retomar a pergunta que deixa aberta: de onde vem a simultaneidade?

A expressão “*gleichzeitig*” do manuscrito, que Lacan não conheceu, vai na mesma direção que a mudança que ele propõe “ao desafiar, talvez pela primeira vez na história, o mito tão famoso que Platão atribui a Aristófanes”.¹⁹ Mas o desafio começa com Freud que refaz o mito e põe ênfase no episódio da *Spaltung*.

Trata-se de duas operações “ao mesmo tempo”. Perfila-se, como ele assinala em *Três ensaios*, “a estrutura do aparelho anímico” e, com Lacan, a constituição do sujeito. O mito da lâmina,²⁰ que é resultado de uma divisão inaugural e que deixa um resto inassimilável, encarna a “parte faltante” do mito de Aristófanes. E, assim, o mito da indagação da metade sexual no amor fica substituído pela busca, pelo sujeito, não do complemento sexual, mas da parte de si mesmo perdida para sempre: “o próprio si-mesmo” que encontraremos em *Das Ich und das Es*.²¹

Masoquismo

Com a nova estrutura do aparelho psíquico, em *O eu e o isso* (1923), em uma nota de pé de página no final do antepenúltimo parágrafo do capítulo IV, lemos:

“segundo nossa concepção, as pulsões de destruição dirigidas para fora foram desviadas do próprio si-mesmo (*eigenen Selbst*) pela intermediação do Eros”,²² que tenta neutralizá-las. Ao contrário, não só não consegue, no próprio si-mesmo Freud antecipa a nova condição do masoquismo.

Esse resto não mensurável, como o próprio si-mesmo, ficam à espera do encontro da hipótese especulativa com *O problema econômico*. Mas nesse cruzamento, onde reaparece a volta ao inanimado, se produz uma torsão, pois a condição primária do masoquismo subverte a relação do sujeito com o gozo.

“O próprio si-mesmo”, na *Spaltung* do sujeito, vale como um objeto alheio. Um objeto estranho, quer dizer, o masoquismo erógeno em sentido estrito.²³

Resto do fracasso do dualismo, da inicial oposição pulsional, da operação que tenta formar o aparelho psíquico entre pulsão de morte e Eros, mas na qual algo fica fora e opera com leis próprias.

O eu corpo

No capítulo II de *O eu e o isso* se observam dois deslocamentos.

Em primeiro lugar, que a investigação deve partir não da superfície que percebe, mas dos restos de palavras das percepções acústicas. Com elas, é outro o espaço, não o euclidiano, que está em jogo. A conexão com a palavra torna possível escutar o recalcado-*icc*, mas não esgota o *Icc*.

Em segundo lugar, em relação ao nascimento do eu²⁴ e sua diferenciação do isso, introduz o corpo e a dor. Pois nessa diferenciação eu-isso, um fator diferente do influxo do sistema P também produziu efeitos: o próprio corpo. O eu consciente – seu ponto de partida nesse capítulo II – com uma nova ruptura do espaço é, antes de mais nada, um eu-corpo (*Körper-Ich*).

Mas não está em jogo apenas outra superfície. O corpo próprio (*eigene Körper*) é visto como um objeto alheio (*ein anderes Objekt*) e inicia uma nova torsão. Nova passagem pelo eu como entidade corporal. O *Ich* não é apenas uma entidade de

superfície mas em si mesmo a projeção de uma superfície, que tem como referência a dor.

Por sua vez, quando a angústia não desperta como sinal, mas nasce como algo novo – sua outra referência –, com um suporte próprio”,²⁵ as fobias à altura lhe permitem recriar este instante em que “a pulsão masoquista voltada para a própria pessoa”²⁶ empurra para atravessar a moldura e precipitar-se no abismo. Breve momento em que a borda de uma janela, torre ou abismo divide o espaço euclidiano deixando aparecer seu caráter heterogêneo e no qual “a angústia, precisamente se situa em nosso corpo em outra parte”,²⁷ no corpo próprio-alheio.

Assim, quando a pulsão de morte parece realizar seu trabalho de forma inadvertida, quando, no essencial, é muda, o eu-corpo sustentará, fazendo objeção ao universal, a existência de um material inconsciente que permanece não-reconhecido.^{28/29}

Dessa maneira, os efeitos de verdade não esgotam a tarefa analítica. O *Icc* não-todo recalcado se erige do traço do impossível de reconhecer, do impossível de inscrever a relação sexual.

Em suma, o eu-corpo ocupará o lugar desse real que Freud não terminou de construir e que nos leva novamente ao termo (*gleichzeitig*), que o manuscrito nos oferece: ao mesmo tempo a *Spaltung* do sujeito e o próprio si-mesmo como objeto alheio.

Traducción: Paloma Vidal

Notas y referencias bibliográficas

¹ FREUD, S. *La perturbación psicógena de la visión según el psicoanálisis*, Studienausgabe (SA), VI, Frankfurt am Main, S. Fischer Verlag, 1997, p. 209-10 (O C, Amorrortu Editores (AE), XVI, Bs. As., 1986, p. 211).

² FREUD, S., *Jenseits* (Primera versión, capítulo V, párrafo (9), p. 29), *Más allá del principio de placer. Manuscritos inéditos y versiones publicadas*, Texto bilingüe. Edición y comentarios Juan Carlos Cosentino, Bs. As., Mármol-Izquierdo, 2015, p. 143.

³ Según el supuesto en juego, “las pulsiones del yo provienen de la animación de la materia inanimada y quieren restablecer el estado inanimado”. FREUD, S., *Jenseits* (Versión manuscrita. Nuevo capítulo VI, párrafo (1), p. 1), op. cit., p. 319.

⁴ FREUD, S., *Jenseits* (Versión manuscrita. Nuevo capítulo VI, párrafo (15), p. 11), op. cit., p. 339.

⁵ El término: libidinosas fue agregado en 1921.

⁶ FREUD, S., Introducción a Zur Psychoanalyse der Kriegsneurosen, *Gesammelte Werke* (GW), XII, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1999, pp. 323 (AE, XVII, p. 207).

⁷ “Desde siempre –continúa- hemos reconocido un componente sádico de la pulsión sexual”. FREUD, S., *Jenseits* (Versión manuscrita. Nuevo capítulo VI, párrafo (20), p. 16), op. cit., p. 349.

⁸ FREUD, S., *Jenseits* (Segunda versión. Capítulo V, párrafo [9], p. 36), op. cit., p. 295.

⁹ “Los diversos componentes pulsionales de la sexualidad trabajan en la ganancia de placer cada uno para sí, y hallan su satisfacción en el cuerpo propio. Ese estadio recibe el nombre de autoerotismo...”. FREUD, S., *Tótem y tabú* (III, 3), SA, IX, p. 377 (AE, XIII, p. 92).

¹⁰ FREUD, S., *Esquema del psicoanálisis*, GW, XVII, p. 106 (AE, XXIII, p. 180). “Quizá pertenezcan también a este grupo las personas que al fin perpetran realmente el suicidio. Suponemos que en ellas han sobrevenido vastas desmezclas de pulsión a consecuencia de las cuales se han liberado cantidades hipertróficas de la pulsión de destrucción vuelta hacia adentro”.

¹¹ LACAN, J. “Conferencia en Ginebra sobre el síntoma”, en *Intervenciones y textos II*, Bs. As., Manantial, 1988, pp. 127-28.

¹² COSENTINO, J. C., GOLDEMBERG I. y otros (Territorios, Bs. As.) “Os manuscritos de ‘Além do princípio do prazer’”, en *O que é uma psicanálise?* n° 46, Rio de Janeiro, Escola Letra Freudiana, 7Letras, 2014, p. 145.

¹³ FREUD, S., *Jenseits* (Versión manuscrita. Nuevo capítulo VI, párrafo (1), p. 1), op. cit., p. 319.

¹⁴ FREUD, S., *Jenseits* (Versión manuscrita. Nuevo capítulo VI, párrafo (29), p. 23), op. cit., p. 363.

¹⁵ La continuación del comentario: “Aunque, en esa dirección, no todo coincide. Origen de Eros y muerte sería entonces el mismo. ¿Pero de dónde la *simultaneidad* (Gleichzeitigkeit) de ambos acontecimientos?” FREUD, S. (1941), *Ergebnisse, Ideen, Probleme* (Conclusiones, ideas, problemas), Holograph manuscript, pp. 1-2, Manuscript Division, Library of Congress, Washington, D.C., 2004 c, p. 2.

¹⁶ FREUD, S., *Inhibición, síntoma y angustia*, GW, XIV, 121 (AE, XX, 90).

¹⁷ Vuelve lo que anticipaba en 1894 con la cantidad no medible: “En las funciones psíquicas cabe distinguir algo (monto de afecto, suma de excitación) que tiene todas las propiedades de una cantidad, aunque no poseamos medio alguno para medirla...” (FREUD, S., “Las neuropsicosis de defensa”, en *Primera clínica freudiana*, Bs. As., Imago Mundi, 2003, p. 56 y URL: <http://www.juancarloscosentino.com.ar/>).

¹⁸ Caída del supuesto de la reunión. En *El esquema*, en 1938, cae el supuesto de la reunión pues “los poetas han fantaseado algo semejante; nada correspondiente nos es consabido desde la historia de la sustancia viva”. Así, “no podemos aplicar a Eros la fórmula” del regreso a un estado anterior,

pues ese supuesto “presupondría que la sustancia viva fue otrora una unidad luego desgarrada (zerrissen) y que ahora aspira a su reunificación (Wiedervereinigung)” (FREUD, S., *Esquema del psicoanálisis* (I, I), GW, XVII, p. 71 (AE, XXIII, p.147).)

¹⁹ LACAN, J. El Seminario, libro 11, *Los cuatro conceptos fundamentales del psicoanálisis* (XV, El mito de la laminilla y XVI, El sujeto y el Otro: la alienación), Bs. As., Paidós, 1991, pp. 204-07 y 213-14.

²⁰ *Idem.*

²¹ Entre 1922 y 1923 prepara y publica *Das Ich und das Es* (FREUD, S., *El yo y el ello*. Manuscritos inéditos y versión publicada. Texto bilingüe. Edición y comentarios Juan Carlos Cosentino, Buenos Aires, Mármol-Izquierdo, 2011).

²² FREUD, S., *El yo y el ello*. *Manuscritos inéditos y versión publicada*, op. cit., p. 443, n. 21b.

²³ “Un testigo, y resto (*Überrest*) de aquella fase de formación en la que tuvo lugar la aleación entre pulsión de muerte y Eros”. FREUD, S., *El problema económico del masoquismo*, SA, III, pp. 347-8 (AE, XIX, pp. 169-70).

²⁴ Uno de los usos de «*das Ich*» denota una parte determinada de la psique con atributos y funciones especiales. Otro de los usos lo aproxima a «*das Selbst*» («sí-mismo»), no sin paradojas como ocurre en este capítulo, en el momento que interviene el cuerpo propio/ajeno.

²⁵ FREUD, S., 32ª conferencia. *Angustia y vida pulsional*, GW, XV, 100-1 (AE, XXII, 87-8).

²⁶ FREUD, S., *Inhibición, síntoma y angustia* (XI. “Addenda”), SA, VI, p. 305 (AE, XX, p. 157).

²⁷ LACAN, J. “La Tercera”, en *Lettres de l'École freudienne*, n° 16, 1975, pp. 177-203 (en *Intervenciones y textos II*, Bs. As., Manantial, 1988, p. 102).

²⁸ Corresponde aceptar que la pulsión de muerte, “cuando no se delata por medio de la aleación con el Eros, resulta tanto más difícil de aprehender, -en cierto modo sólo la vislumbramos como vestigio detrás del Eros- y se nos escapa”. Así, “en cada manifestación de pulsión participa la libido, pero no todo en ella es libido”. FREUD, S., *El malestar en la cultura* (capítulo VI), SA, IX, p. 248, n. 3 (AE, XXI, p. 117, n. 11).

²⁹ “La pulsión de muerte, es lo real en tanto no puede ser pensado sino como imposible, es decir que cada vez que muestra la punta de su nariz, es impensable”, está en juego la imposibilidad con que el sexo se inscribe en el inconsciente (LACAN, J., El Seminario, libro XXIII, *El síntoma*, lección del 16 de marzo de 1976, inédito).